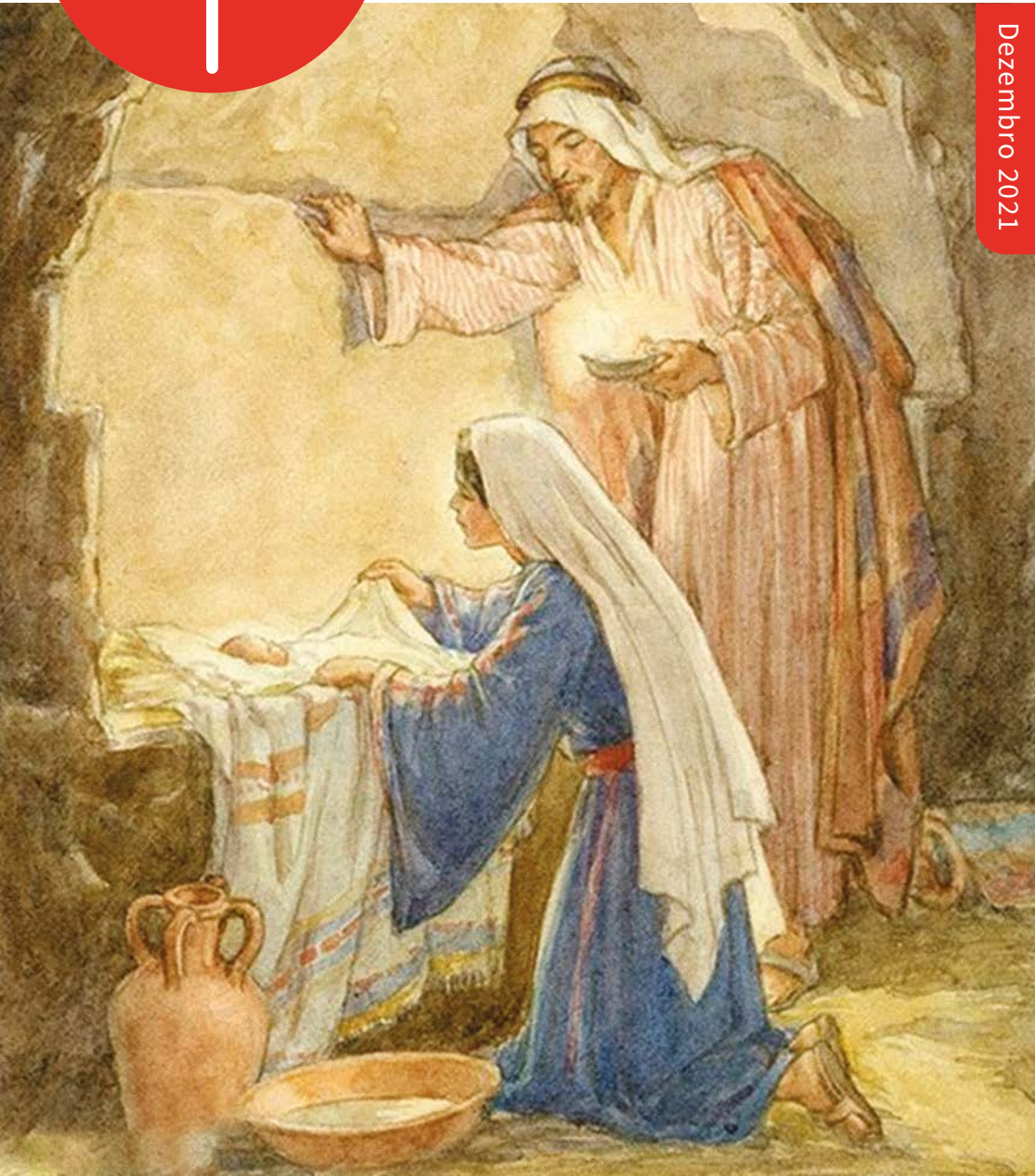




Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Dezembro 2021



Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

Dezembro: Os catequistas

Rezemos pelos catequistas, chamados a anunciar a Palavra de Deus, para que sejam testemunhas da Palavra com coragem e criatividade na força do Espírito Santo.

Paróquias de Portugal
<http://www.paroquias.org>

PAROQUIAS.ORG

O **Paroquias.org** é um portal católico na Internet, criado por leigos com a missão de evangelizar, utilizando as novas tecnologias e meios de comunicação, respeitando a doutrina e magistério da Igreja Católica.

Pretende ser o ponto de encontro na Internet dos cibernautas de língua portuguesa, para a sua formação religiosa, possível através da disponibilização de conteúdos da doutrina católica, da troca de experiências, partilha de fé, e esclarecimentos de dúvidas e questões que surgem sempre na caminhada até Cristo. O **Paroquias.org** pretende também esclarecer as questões daqueles que até ao momento ainda não se identificam com a mensagem de Jesus Cristo.

Este portal responde assim ao apelo do Papa João Paulo II para a utilização dos meios de comunicação ao nosso dispor, para a Nova Evangelização. A Equipa do **Paroquias.org** considera a sua actividade como um verdadeiro apostolado, o qual é realizado através das novas tecnologias.

Entre os conteúdos e serviços disponibilizados são de salientar o texto da **Bíblia Sagrada** (Bíblia PARA O TERCEIRO MILÉNIO DA ENCARNAÇÃO, Franciscanos Capuchinhos - Difusora Bíblica), os **espaços de oração** - Capela Sto. Isidoro, de **formação**, de **informação** e de **partilha**.

<http://www.paroquias.org>

As notas da Igreja

No mês passado, meditei sobre o sentido da profissão de fé “creio na Igreja”. Hoje gostava de fazer uma breve meditação sobre as “notas”, ou seja, as características essenciais que tornam conhecida a verdadeira Igreja. Pio XII proclamou, na *Mystici Corporis Christi* que a verdadeira Igreja é a Igreja Católica, doutrina que o Concílio Vaticano II, movido, como se sabe, pela preocupação ecuménica, recordou, embora numa expressão menos categórica, que a verdadeira Igreja “se encontra” na Igreja Católica (LG 8). Mas para nós, católicos, o importante é termos a certeza de que estamos no lugar e no caminho certo, para o qual os outros – cristãos, crentes e homens de boa vontade – se encontram orientados (cf. LG 16). Portanto, a Igreja Católica é verdadeiramente coluna e sustentáculo da verdade (cf. Tm 3,5), como vimos na meditação do mês passado.

As quatro *notas* da Igreja, que são objecto da nossa profissão de fé, proclamam que o fundamento da Igreja, a sua *origem*, se encontra no mistério da Santíssima Trindade. A Igreja é *una*, porque tem origem no mistério de Deus Pai, é *santa*, porque o Filho, Jesus Cristo, a santifica com o Seu sangue derramado na cruz, e

católica, porque criação do Espírito Santo que a envia e a sustenta na sua missão evangelizadora, de ser coluna e sustentáculo da verdade. A quarta nota – *apostólica* – proclama que ela, historicamente, está fundada sobre os *doze* apóstolos (cf. Mt 19, 27-29), não só no que diz respeito ao Evangelho que ela tem a missão de anunciar – *ide, ensinai todas as nações* (Mt 28,19) –, mas também no seu ministério – *assim como Eu vos fiz, fazei-o vós também* (Jo 13,15); *fazei isto em minha memória* (Lc 22,19) –, ministério apostólico que continua no sacerdócio ministerial dos bispos e dos presbíteros, que o Concílio Vaticano II resume nestas três funções: função real, ou de governo; função profética, ou do ensino; função sacerdotal, ou de santificação do Povo de Deus (cf. LG 24-27). Os bispos (e os sacerdotes seus colaboradores) são os verdadeiros e autênticos *pastores*, no serviço da unidade e do governo do Povo de Deus, garantes da sua liberdade; *profetas*, no serviço da verdade, pelo ensino, e por isso são os verdadeiros e autênticos doutores, que têm a missão de ensinar a *sã* doutrina; e, finalmente, são *sacerdotes*, que têm a missão de santificar o Povo de Deus pela administração dos sacramentos.

A Igreja é *una*, o que significa que é só uma, porque Deus é único, como proclamamos no primeiro mandamento, que já era a grande profissão de fé em Israel: “Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6,4). Esta nota é aprofundada com o mistério de Cristo e da sua relação com a Igreja. S. Paulo ensina-nos que a Igreja é o corpo de Cristo do qual Ele é a cabeça, portanto uma só cabeça, um só corpo (cf. Ef 1,22-23; ensina-nos ainda que a Igreja é esposa de Cristo: um só esposo, uma só esposa; e o Espírito Santo é o laço de unidade desta relação indissolúvel, da qual o matrimônio cristão é sacramento: um só esposo, uma só esposa (cf. Ef 5,32). Portanto, a nota a respeito da Igreja – creio na Igreja *una*... – é mais do que a unidade; dir-se-ia que é o fundamento da unidade, da santidade, da catolicidade e da apostolicidade. A unidade será entendida e vivida como comunhão hierárquica de todo o Povo de Deus e todo o serviço será em função da unidade, para que se realize o desejo do Senhor, que Ele assim formulou: “que todos sejam um só” (Jo 17,21). A Igreja *una* manifesta-se na riqueza dos carismas que, se forem verdadeiros, ou seja, animados pelo Espírito Santo – e o ministério do discernimento dos carismas é próprio dos Pastores da Igreja, colocados à sua frente por vontade divina

(cf LG 20) – conduzem todos e servem a comunhão e a unidade.

Na Igreja realiza-se, ou deve realizar-se, aquilo que S. Paulo recomenda a todos os cristãos: “sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5,21). A “obediência”, que na sua etimologia significa a disponibilidade ou capacidade para “escutar”, para “ouvir”, não se refere, portanto, somente ao que se chama a “obediência da fé”, mas também à relação fraterna, na qual ninguém se deve considerar superior aos outros, como recomenda S. Paulo – “considerai os outros superiores a vós mesmos” (cf. Fl 2,3) -, mas todos servos do mesmo Senhor, embora cada qual no seu lugar, de acordo com as vocações, os carismas e os ministérios de cada um.

Neste tempo complexo no qual vivemos, peçamos ao Senhor que nos dê a graça de sabermos cada um de nós estar no seu lugar, naquele lugar que o Senhor determinou para cada um de nós. E se escutarmos o testemunho de Santa Teresinha do Menino Jesus, vamos descobrir que o nosso lugar é o coração da Igreja e que o pulsar do coração da Igreja é marcado pelo ritmo do amor do Esposo pela esposa que continua a dizer: “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22,21).

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

PALESTINA

Superfície:
6.020 km²

População:
5,3 milhões

Religiões

Muçulmanos: 81,3%

Judeus: 12,7%

Agnósticos: 5,1%

Cristãos: 0,8%

Outros: 0,1%

Língua

Árabe

ISRAEL

Superfície:
22.072 km²

População:
8,7 milhões

Religiões

Judeus: 70,7%

Muçulmanos: 20,8%

Agnósticos: 5,2%

Cristãos: 2%

Outros: 1,3%

Língua

Hebraico e Árabe

**TERRA SANTA****OS GUARDIÃES****DOS LUGARES SANTOS**

Há apenas 2% de cristãos na Terra Santa. Alguns permanecem por vocação ao serviço a esta terra, tornada santa pela morte e ressurreição do Senhor.

Não, um árabe não é necessariamente muçulmano! Quando um cristão do Ocidente chega em peregrinação à Terra Santa, é por vezes surpreendido por encontrar um padre católico romano, árabe. Pergunta-lhe então como se converteu, convencido que o padre era, anteriormente muçulmano. A confusão e a proximidade entre árabe e muçulmano pode deixar muitos cristãos da Terra Santa desconfortáveis. O sentido estrito da palavra “árabe” significa pessoas que

habitam ou são originárias da Península Arábica. E só isso. Assim sendo, as populações que se encontram na Terra Santa ou em países do Médio Oriente vão classificar-se designando-se de “não” árabes mas “falantes do árabe”. De facto, desde o princípio da era cristã que houve Árabes cristãos, muito antes do Islamismo. E durante a extensão muçulmana, as populações semitas da Síria, do Iraque, do Líbano e até no Egito foram obrigadas a adoptar a língua árabe



O lago de Tiberíades em Tabgha

mesmo não se tornando muçulmanas. Assim, existem muitos semitas cristãos que falam árabe desde há muito tempo. Estes Cristãos que vivem na Terra Santa têm uma vocação que lhes é específica.

OS CRISTÃOS GUARDIÃES DOS LUGARES SANTOS

É certo que existem as instituições eclesiais que são guardiãs dos lugares santos. Mas o cristão comum, qualquer que seja a sua pertença a esta ou àquela Igreja, define-se como guardião dos Lugares Santos. Na sua vida do dia-a-dia, na expressão da sua fé, quer conservar os lugares que assistiram à Salvação. Para além de serem seus proprietários, dão-lhes vida com as suas orações e os seus ritos. A sua presença é fundamental para a memória de que foi nesta terra que Cristo nasceu, sofreu, foi morto e ressuscitou para resgatar o homem. São herdeiros da vida destes lugares há mais de 2000 anos. Esta vocação é vivida pelos Cristãos de forma tanto comunitária como individual. Ao ponto de, mesmo aqueles que não frequentam

muito a Igreja, sentirem esta vocação de guardiães como seu ADN, como sua identidade. É certo que varia a intensidade com que esta vocação é sentida. Mas existem alguns que acolhem profundamente esta *“missão particular de assegurar uma continuidade da primeira comunidade dos crentes em Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho do Homem; e também de assegurar a presença de uma comunidade cristã viva e acolhedora nos lugares sagrados e à sua volta”* diz-nos o Pe. Firas Abedrabbo, secretário particular do Patriarca Latino de Jerusalém. *“A missão é evidente, acrescenta, e a nós, cristãos locais, cabe-nos aceitá-la verdadeira e conscientemente nas nossas vidas. E vós [Ocidentais] fazeis bem quando no-lo lembrais graças também às vossas peregrinações que têm em conta esta comunidade local!...”*

Oração

*Para que os Cristãos da Terra Santa continuem sempre a ser defensores do património material e espiritual que herdaram, **nós Te pedimos Senhor.***



Gruta da Natividade em Belém

O APOIO NECESSÁRIO DO OCIDENTE

Por ocasião da Jornada da Paz para o Médio Oriente, o presidente executivo da AIS, Thomas Heine-Geldern, afirmou: “Cabe também a nós, Cristãos do Ocidente, decidir se dentro de 20, 50 ou 100 anos ainda existirão cristãos no Médio Oriente (...) As feridas foram também provocadas pela ignorância demasiado longa dos cristãos ocidentais que no mínimo não se interessaram mais do que marginalmente pela sorte das comunidades do Médio Oriente”. O Pe. Firas Abedrabbo clarificou: “É verdade que muitos cristãos do Ocidente contribuíram e ainda contribuem hoje para a manutenção da presença cristã local na Terra Santa (...) Contudo, é sempre importante encontrar novas formas e mais eficazes para ajudar a manter esta presença, em nome de toda a cristandade. O problema não é unicamente económico. O problema é essencialmente humanitário e político, e falo sobretudo da comunidade cristã na Palestina que é um território ocupado. Como os seus compatriotas muçulmanos, os cristãos palestinianos suportam há

décadas as consequências da ocupação de Israel que é injustificável (apesar de serem apresentadas razões para a justificar). Uma ocupação que controla todos os aspectos da vida dos Palestínianos (não só a terra). Esta opressão é uma das razões principais do sofrimento do povo Palestíniano em geral e dos cristãos palestinianos [em particular]. O resultado desta opressão no dia-a-dia e desde há décadas é um desejo de procurar uma vida mais digna noutros lugares”.

Oração

Para que os Cristãos do Ocidente sintam a responsabilidade de apoiar e nunca esquecer os seus irmãos da Terra Santa, nós Te pedimos Senhor.

OS CRISTÃOS E O SEU PAPEL DE COMUNICAR

Pode parecer surpreendente mas acontece na Terra Santa que alguns judeus, alguns muçulmanos e alguns cristãos se sentem, na verdade, ateus. O ateísmo é, portanto, uma realidade, não sendo contudo um conceito de organização social. As pessoas são definidas em



Vista panorâmica de Nazaré

primeiro lugar pela sua religião de nascença. E, neste caleidoscópio de Igrejas, o cristão – pela sua vocação – tem um papel importante nas relações entre os cidadãos israelitas judeus, cristãos e muçulmanos e os habitantes dos territórios palestinos cristãos e muçulmanos. No seu quotidiano, é levado permanentemente a comunicar com o outro, seja de uma confissão cristã diferente, seja judeu ou muçulmano. O cristão é como o tabuleiro de uma ponte, permanentemente na troca com o outro. A comunidade cristã local é pouco numerosa, mas muito empenhada na sociedade onde vive, seja israelita ou palestiniana. Não só através da palavra, mas sobretudo pelo estilo de vida diferente, o cristão é testemunha dos valores do Evangelho, que devem ser dirigidos também aos não cristãos. Seja qual for a reacção que pode suscitar este testemunho cristão, o Espírito Santo pode agir e operar uma mudança nos corações. *“Os cristãos procuram a verdade e, naturalmente, escolhem o diálogo”, diz Maria-Armelle Beaulieu, redactora chefe da revista da Terra Santa.*

Oração

Para que os Cristãos na Terra Santa sejam sempre pontes de diálogo, harmonia e entendimento, nós Te pedimos Senhor.

O ECUMENISMO MUITO OBJECTIVO DOS CRISTÃOS

Recorrem a este hábito do diálogo, intrínseco na sua vida quotidiana pela mistura permanente das diferentes Igrejas cristãs. Na Terra Santa, o ecumenismo é, em primeiro lugar, uma arte de viver e incarna-se nos aspectos mais concretos da vida. A preocupação teológica não é o principal. *“Aqui não existem avanços teológicos do ecumenismo e nunca haverá”, afirma Marie-Armelle Beaulieu, “pela simples razão que nenhuma das 13 Igrejas aqui presentes é decisiva. Para os Anglicanos, a decisão está em Inglaterra, para os Católicos Romanos, a decisão está em Roma, para os Coptas, a decisão está no Cairo, etc. Cada Igreja depende de uma cabeça que está fora, com a excepção da Igreja Grega Ortodoxa que é autocéfala, apesar de muito próxima da Igreja*

Padres etíopes ortodoxos celebrando a liturgia na Capela de São Miguel, Santo Sepulcro, Jerusalém

de Atenas. Mesmo que aqui existissem avanços teológicos, não seriam validados pelas mentes que estão noutra lugar”. O que leva os responsáveis religiosos cristão a reunir são, sobretudo, assuntos de trabalho “para saber qual o estado das relações com o Estado de Israel, o Estado da Palestina, o que fazer para obter um visto em tempo de pandemia, como regular um problema específico com a Câmara de Jerusalém, etc.” Nada de teológico. No entanto, em tempos litúrgicos fortes, há louvores – quer dizer, momentos de acção de graças – com troca de presentes entre as Igrejas.

O ecumenismo na Terra Santa é mais vivido que pensado. Os números falam por si. Em Jerusalém há 10 mil cristãos. Cinco mil homens e cinco mil mulheres, repartidos entre as 13 Igrejas cristãs. Uma jovem que se queira casar não pode ser exigente em relação ao rito do seu noivo. Se ela pertence ao rito latino e casa com um luterano, o casal será registado como sendo de rito luterano e os filhos, de acordo com uma decisão das Igrejas locais, serão baptizados

pelo rito do pai. Mas as crianças serão embaladas ao som da “Ave Maria” cantada pela mãe... “É assim que, na Terra Santa, temos protestantes muito devotos ao culto mariano!”, ironiza Marie-Armelle Beaulieu. De qualquer maneira, o catecismo é comum a todas as Igrejas.

A percentagem de Cristãos, 2% da população, é realmente reduzida. Será preocupante quando pensamos que no princípio só havia 12 apóstolos? Hoje, a contribuição dos Cristãos na sociedade é ao contrário, muito elevada, se tivermos em consideração o número de escolas, de hospitais e de serviços diversos e variados que as comunidades das 13 Igrejas reunidas oferecem aos seus irmãos. Sem esquecer o papel que o Ocidente pode ter na manutenção deste dinamismo.

Oração

Para que o ecumenismo vivido na Terra Santa seja fonte de inspiração e reflexão para as Igrejas no Ocidente, nós Te pedimos Senhor.

Religiosa de rito oriental,
Santo Sepulcro, Jerusalém



DIOCESE E PATRIARCAS

A Diocese de Jerusalém estende-se por 4 países: Israel, Palestina (Cisjordânia e Gaza), Jordânia e Chipre. Além disso, desde os primeiros séculos, havia cinco patriarcados: Constantinopla, Antioquia, Alexandria, Roma e Jerusalém. O Patriarcado designa uma Igreja fundada por um dos apóstolos. Segundo a tradição, Jerusalém foi fundada pelo apóstolo São Tiago. Fala-se do patriarcado “latino”, porque no tempo das cruzadas já não havia um bispo oriental, o que levou os cruzados a instalar um bispo latino a que chamaram “patriarca”. Desaparecido no fim das cruzadas, o Patriarca latino foi restabelecido no séc. XIX. Os franciscanos asseguraram a presença latina entretanto. Só existe um outro Patriarca, o dos Gregos ortodoxos. As outras Igrejas têm vigários patriarcais ou exarcas.

TREZE IGREJAS REPRESENTADAS NA TERRA SANTA

- Os Gregos ortodoxos e os Gregos católicos cuja liturgia é tradicionalmente em grego.
- Os Arménios apostólicos (não ligados a Roma) e os Arménios católicos, cuja língua litúrgica é o arménio.
- Os Siríacos ortodoxos e os Siríacos católicos cuja língua litúrgica é o siríaco.
- Os Maronitas que são católicos e cuja língua litúrgica tradicional é o árabe e o aramaico.
- A Igreja etíope Tewahedo que é ortodoxa.
- Os Coptas ortodoxos cuja língua é o copta.
- As Igrejas saídas das reformas: Luteranos e Anglicanos
- Os Caldeus católicos
- Os Latinos

Deus Connosco

*Deus connosco, a inteira humanidade surpreendes
porque não existes na onnipotência do tirano,
mas na promessa de um nascimento que vem.
Acompanha-nos no nosso caminho para o amor,
e assim tua presença no outro perceberemos.*

*Deus connosco, Tu ergues a justiça e a paz,
apesar da guerra, da intolerância, do ódio.
Ensina-nos a acolher-te sem te manipular,
a construir contigo um mundo mais fraterno,
e assim nossos desertos em pomares se mudarão.*

*Deus connosco, Tu respondes à nossa esperança
quando connosco partilhas a tua sede de libertação.
Grava nas nossas almas a fome da tua salvação,
para que, com Maria, saboreemos a alegria
de um dia estarmos todos reunidos no teu Reino.*

*Deus connosco, todos os dias nos vens salvar
pelo desarmado amor do menino de Belém.
Sê a nossa estrela na noite das nossas inquietudes,
com sinais de perdão manifesta a tua vinda,
Tu, o Emanuel, do presépio ao túmulo vazio.*

Um Natal Rico de Surpresas



Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Daqui a seis dias será Natal! As árvores, as decorações e as luzes em toda a parte recordam que também este ano haverá festa. A máquina publicitária convida a trocar presentes sempre novos para fazer surpresas. Mas pergunto-me: **é esta a festa que agrada a Deus? De que Natal gostaria Ele, de que presentes e de que surpresas?**

Olhemos para o primeiro Natal da história para descobrir os gostos de Deus. **Aquele primeiro Natal da História foi repleto de surpresas.** Começa-se com Maria, que era noiva de José: chega o Anjo e a sua vida muda. De virgem passa a ser mãe. Continua-se com José, chamado a ser pai de um filho sem o ter gerado. Um Filho que — golpe de teatro — chega no momento menos indicado, ou seja, quando Maria e José eram noivos, e segundo a Lei não podiam morar juntos. Diante do escândalo, o bom senso dessa época convidava José a repudiar Maria e a preservar o seu bom nome, mas ele, não obstante tivesse esse direito, surpreende: a fim de não prejudicar Maria, pensa em rejeitá-la secretamente, à custa de perder a própria reputação. Em seguida, outra surpresa: em sonho, Deus muda-lhe os planos e pede-lhe que receba Maria. Depois do nascimento de Jesus, quando tinha os seus projectos para a família, de novo em sonho, é-lhe dito que se levante e vá para o Egito. **Em síntese, o Natal traz consigo inesperadas mudanças de vida. E se quisermos viver o Natal, devemos abrir o coração e estar dispostos às surpresas, ou seja, a uma inesperada mudança de vida.**

Mas é na noite de Natal que chega a maior surpresa: o Altíssimo é um pequeno Menino. A Palavra divina é um infante, que literalmente significa “incapaz de falar”. E a Palavra divina torna-se “incapaz de falar”. Quem acolhe o Salvador não são as autoridades da época ou do lugar, nem os embaixadores, não; são simples pastores que, surpreendidos pelos anjos enquanto trabalhavam de noite, acorrem sem hesitar. Quem teria imaginado? **Natal significa celebrar o inédito de Deus, ou melhor, celebrar um Deus inédito, que inverte as nossas lógicas e expectativas.**

Então, celebrar o Natal significa acolher na terra as surpresas do Céu. Não se pode viver “terra a terra”, tendo o Céu trazido as suas novidades ao mundo. O Natal inaugura uma nova época, onde a vida não se programa, mas dá-se; onde já não se vive para si, com base nos próprios gostos, mas para Deus e com Deus, porque a partir do Natal Deus é o Deus connosco, que vive connosco, que caminha connosco. **Viver o Natal é deixar-se despertar pela sua novidade surpreendente.** O Natal de Jesus não oferece o calor aconchegante da lareira, mas o arrepio divino que abala a história. O Natal é a desforra da humildade sobre a arrogância, da simplicidade sobre a abundância, do silêncio sobre a algazarra, da oração sobre o “meu tempo”, de Deus sobre o meu ego.

Celebrar o Natal significa fazer como Jesus, que veio para nós, necessitados, e descer ao encontro de quantos precisam de nós. Significa fazer como Maria: confiar, dóceis a Deus, mesmo sem entender o que Ele fará. Celebrar o Natal é fazer como José: levantar-se para realizar o que Deus quer, embora não seja segundo os nossos planos. São José é surpreendente: nunca fala no Evangelho: no Evangelho não há nem sequer uma palavra de José; e o Senhor fala-lhe precisamente no silêncio, fala-lhe no sono. O Natal significa preferir a voz silenciosa de Deus aos barulhos do consumismo. Se soubermos permanecer em silêncio diante do Presépio, também para nós o Natal será uma surpresa, não algo já visto. **Estar em silêncio perante o Presépio: eis o convite para o Natal! Reserva algum tempo, vai diante do Presépio e permanece em silêncio. E sentirás, verás a surpresa!**

Mas infelizmente, pode-se *errar a festa* e, às novidades do Céu, preferir as coisas habituais da terra. Se o Natal permanecer somente uma bonita festa tradicional, em cujo centro estivermos nós e não Ele, será uma oportunidade perdida. **Por favor, não mundanizemos o Natal!** Não deixemos de lado o Festejado, como quando “veio entre os seus, mas os seus não o receberam” (Jo 1, 11). O Senhor alertou-nos desde o primeiro Evangelho do Advento, pedindo-nos para não nos sobrecarregarmos com “dissipações” e “preocupações da vida” (Lc 21, 34). Nestes dias corremos talvez como nunca durante o ano. Mas assim fazemos o oposto daquilo que Jesus quer. Damos a culpa às numerosas actividades que enchem os dias, ao mundo que corre. E no entanto Jesus não deu a culpa ao mundo, mas pediu-nos para não nos deixarmos arrastar, para velarmos a cada momento rezando (cf. v. 36).

Eis que será Natal se, como José, dermos espaço ao silêncio; se, como Maria, dissermos “eis-me” a Deus; se, como Jesus, permanecermos próximos de quem está sozinho; se, como os pastores, sairmos dos nossos ambientes fechados para estar com Jesus. Será Natal, se encontrarmos a luz na pobre gruta de Belém. *Não será Natal*, se procurarmos os brilhos cintilantes do mundo, se nos enchermos de presentes, almoços e jantares, mas não ajudarmos nem sequer um pobre, que se assemelha com Deus, porque no Natal Deus veio pobre.

Caros irmãos e irmãs, desejo-vos feliz Natal, um Natal rico de surpresas de Jesus! Poderão parecer surpresas incômodas, mas são os gostos de Deus. Se os aceitarmos, faremos a nós mesmos uma maravilhosa surpresa! Cada um de nós tem, escondida no coração, a capacidade de se surpreender. Deixemo-nos surpreender por Jesus neste Natal!



OS DEZ MANDAMENTOS

CAPÍTULO II - AMARÁS O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO

10º MANDAMENTO: Não cobiçar as coisas alheias

531. Que exige e que proíbe o décimo mandamento?

Este mandamento completa o precedente e exige uma atitude interior de respeito em relação à propriedade alheia. Proíbe a *avidez*, a *cupidez desregrada* dos bens dos outros e a *inveja*, que consiste na tristeza que se experimenta perante os bens alheios e o desejo imoderado de deles se apoderar.

532. Que pede Jesus com a pobreza de coração?

Jesus requer aos seus discípulos que O prefiram a tudo e a todos. O desprendimento das riquezas – segundo o espírito da pobreza evangélica – e o abandono à providência de Deus, que nos liberta da preocupação pelo amanhã, preparam-nos para a bem-aventurança dos “pobres em espírito, porque deles é já o reino dos céus” (Mt 5, 3).

533. Qual é o maior desejo do homem?

O maior desejo do homem é ver a Deus. Este é o grito de todo o seu ser: “Quero ver a Deus!”. De facto, o homem realiza a verdadeira e perfeita felicidade na visão e na bem-aventurança d’Aquele que o criou por amor e o atrai a Si no seu infinito amor.

In Catecismo da Igreja Católica: Compêndio

*“Aquele que vê a Deus,
obteve todos os bens
que se podem imaginar”*

S. Gregório de Nisa

ÍMAN SÃO JOSÉ

Destaque

“Tal como nós, São José enfrentou muitas dificuldades e medos, por isso ele compreende-nos bem e pode ajudar-nos. Ele era um humilde carpinteiro que se esforçou muito para ser sempre justo e honesto, tanto que Deus lhe confiou o Seu tesouro mais precioso, Maria e Jesus. Deus deu-lhe a maior das honras entre os homens: ser o pai adoptivo de Jesus, o Filho de Deus. São José sustentou a Sagrada Família e protegeu-a em todas as situações. Quando não sabia o que fazer, rezava e punha tudo nas mãos de Deus.”

Papa Francisco, in *Patris Corde*

NOVO



Terminamos o **Ano dedicado a São José** com uma proposta.

Adquira este íman para colocar no frigorífico, ou noutra superfície de metal, para que não se esqueça nunca de recorrer a este Santo tão poderoso nos seus problemas do dia-a-dia.

Feito por cristãos da Terra Santa

Formato: 6 x 8 cm

Cód. DI167

€ 4,00

SEMENTES DE ESPERANÇA - *Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre*

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDAÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © ACN; © ismaelmartinezsanchez/ACN; © Llona Budzbon/AED

CAPA Margaret Tarrant, *Nativity*
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

Isento de registo na ERC ao abrigo do Dec. Reg. 8/99 de 9/6 art.º 12 n.º 1 A



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt